

no século XVI por Sá de Miranda, impôs-se ao longo dos tempos e seduziu nomes que vão de Fernando Pessoa a Eugénio de Andrade, de Natália Correia a Nuno Júdice ou de David Soares a Patrícia Portela, os quais, preservando competências idiossincráticas, mantiveram viva esta forma clássica de poetar num contexto moderno. Tal é o caso de Manuel Alegre, cultor do soneto desde a década de 60 do século XX, que nele — na sua rigidez e disciplina — se acointa enquanto processo de fuga ao «desconcerto do mundo» tal como Camões o havia feito. É o próprio que o assegura, enquanto fórmula de proteção, em *Os Sonetos* (2019): «Eu acho que hoje vivemos num tempo em que não há nenhuma nova ordem, há uma grande desordem internacional, um caos terrível, uma etnização da vida, há uma grande regressão cultural e cívica. [...]. Talvez por eu ter necessidade de uma busca, de um sentido, de uma unidade, de uma reconstrução, de uma harmonia perdida. Escrevi sob a forma de soneto, que é já uma tentativa de reordenação das sílabas.» E escreveu bem; escreveu uma história de liberdade conturbada desde a oposição ao Estado Novo, passando pela alvorada de abril e pelos tempos conturbados do PREC, até chegar a uma quase anarquia democrática — a tal «grande desordem internacional» — que a forma rígida do soneto pode contraditar reconvertida em porto de abrigo.

Tudo isto foi bem entendido por Barbara Gori que, desenleando «nós semânticos, linguísticos e métricos», desvendou a força, a densidade, a capacidade intertextual, o comprometimento político e social e mesmo os silenciosos implícitos de uma poética preocupada em medir o alcance da liberdade. E se a tradução se erige protagonista desta publicação, convém não esquecer a seleção por demais demonstrativa do conhecimento

da literatura e da cultura portuguesas assim como da obra do poeta traduzido de que desvela a grande linha matricial coerente, linear e contínua que dá pelo nome de liberdade.

A leitura destes *Sonetti* abalou a minha convicção, quiçá preconceituosa, de que só os poetas (como David Mourão-Ferreira, Vasco Graça Moura ou Frederico Lourenço) são bons tradutores de poesia. Barbara Gori, investida de sólidas competências nos âmbitos linguístico, literário, cultural e tradutológico, publica a presente edição bilingue demonstrativa de que traduzir não é trair, outrossim viabilizar a um público mais vasto o conhecimento da poética de Manuel Alegre.

Isabel Ponce de Leão

VÁRIA

José Saramago, Adriana Lisboa, José Luís Peixoto, Arthur Larrue, Maaza Mengiste, Rafael Gallo, Laura Restrepo e Ondjaki

VIAGEM A PORTUGAL/JOURNEY TO PORTUGAL REVISITED

Edição de Carlos Reis e Fernanda Costa
Lisboa, Fundação José Saramago/Turismo de Portugal / 2023

Singular no conjunto da obra de José Saramago, publicado pela primeira vez em 1981, sabe-se que *Viagem a Portugal* nasceu a partir de uma encomenda de um guia de viagens feita, em 1979, pelo Círculo de Leitores a alguém que era então conhecido sobretudo como cronista, quando muito poeta. O escritor recusou e fez uma contraproposta, felizmente aceite: ele viajaria de uma ponta à outra do País não para recolher informações turísticas, mas sim para relatar a sua experiência¹. O resultado é conhecido, já foi alvo de não

poucas reedições e, mais recentemente, de uma importante releitura, pelos olhos de escritores contemporâneos que seguiram os passos daquele viajante e autor de um livro atípico que, passadas mais de quatro décadas, não parece dar sinais de envelhecimento.

Antes, porém, de abordarmos esta releitura, mencione-se uma reedição recente, igualmente associada às celebrações do centenário do nascimento de José Saramago: a nova *Viagem a Portugal* publicada pela Porto Editora, com 768 páginas e as fotografias, a preto e branco, tiradas por Saramago entre outubro de 1979 e julho de 1980, intercaladas com imagens providas da lente de Duarte Belo. Algumas delas já presentes naquela primeira edição, as fotografias de Saramago não só ilustram (ou, por vezes, parecem ser o ponto de partida para) muitas descrições, como dão conta do seu olhar atento a detalhes e histórias: vemos janelas, roupas a secar, ruas de pedra, pormenores da fachada e do interior de igrejas, ruínas, estátuas, árvores, paisagens, e também pessoas — um casal de trabalhadores, duas meninas e uma boneca, pescadores remendando redes, mulheres fazendo malha, gente a celebrar o 25 de Abril.

A revisitação da *Viagem* que nos interessa aqui pode ser entendida a partir desse tipo de enquadramento, hoje tão associado à fotografia: vemos, em princípio, aquele mesmo cenário, mas transformado pelo olhar e pela lente de aumento que cada um dos escritores de *Viagem a Portugal Revisited* sobre ele coloca. Nessa diversidade de perspectivas, a de Saramago somada à de mais sete autores, outras histórias e outros detalhes assomam, a exemplo do pequeno coelho da Citânia de Briteiros, em Guimarães, entrevistado por Rafael Gallo e que lhe serve de mote para nos transportar, ainda que muito rapidamente, a ruínas e descobertas, a li-

vros e maravilhas. Nesse sentido, é como se o convite à viagem dos escritores que o precederam — José Saramago, mas também Almeida Garrett, Lewis Carroll, etc. — fosse ao mesmo tempo um convite à imaginação e à literatura: «Desço pelas vias de pedra e, assim como Saramago quando escreveu sobre esse lugar, imagino os habitantes daquela outra época no mesmo caminho. Nesse encontro entre o devaneio dele e o meu, vejo-o aqui e quase posso dizer-lhe que tenho a impressão de não ser preciso pedir ou dar licença, essas vias não são tão estreitas assim. Cabemos todos» (57).

Breve, mas densa, não faltam reflexões perspicazes nessa revisitação que é igualmente apresentada em inglês, numa publicação luxuosa com fotografias a cores e um título que acena ainda para o leitor familiarizado com os versos de Álvaro de Campos. Convém referir o contexto em que o livro surgiu, associado a um projeto turístico, fruto de uma parceria entre a Fundação José Saramago e o Turismo de Portugal e que resultou primeiro num *website* com textos, vídeos e imagens, com sugestões de lugares a visitar, informações históricas, dicas gastronômicas, etc. (ver <<https://www.journeytoportugalrevisited.com>>); de certo modo, algo não de todo distante daquele guia de viagens que Saramago não quis escrever.

Em tempos de redes sociais, de um afluxo de fotografias demasiado parecidas e, de certo modo correlacionado a isso, de turismo de massa, que tem deixado a sua marca nociva em Portugal — basta referir a crise da habitação —, a concepção de um tal projeto a partir de um escritor tão crítico como foi Saramago pode, compreensivelmente, provocar cenhos franzidos em leitores mais exigentes; afinal, em mais de um momento, o Nobel não deixou dúvidas sobre a sua visão de que «viajar é outra coisa muito diferente de fazer turis-

mo e é sobretudo outro modo de estar»². Não é este o espaço para aprofundar o complexo debate sobre a recepção e mesmo a instrumentalização de Saramago e outros autores, um tema a que o escritor português era particularmente sensível e que explorou com maestria num romance como *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984). O que se quer ressaltar e ressaltar é que *Viagem a Portugal Revisited*, graças aos editores que o conceberam e aos escritores que o fazem, não tem nada da lógica promocional do turismo, da publicidade que visa a vender um produto e que faz com que um guia de viagens rapidamente se torne obsoleto.

Muito disso se deve ao olhar perito e ao rigor de Carlos Reis, comissário do centenário de Saramago e autor do texto de abertura, e a Fernanda Costa, sua colaboradora na organização deste livro. A curadoria do projeto ficou a cargo de José Luís Peixoto, que convidou escritores com bagagens e histórias tão diversas quanto interessantes: do Brasil, temos a Adriana Lisboa e o já citado Rafael Gallo, ao lado do francês Arthur Larrue, da colombiana Laura Restrepo, da etíope-norte-americana Maaza Mengiste e do angolano Ondjaki. A seleção dos lugares e dos textos de Saramago revisitados, doze ao todo — Bragança, Vila Real, Guimarães, Coimbra, Guarda, Tomar, Mafra, Setúbal, Évora, Beja, Alcoutim, Lagos —, assim como as novas crônicas e narrativas que sobre eles são feitas, resultam num percurso que claramente escapa àquela rota mais tradicional e conhecida (repare-se como nem Lisboa nem Porto entram na lista), permitindo que se traga para o primeiro plano, bem ao gosto de Saramago, personagens consideradas menores, histórias esquecidas e alguns sítios «que parecem ter ficado à margem do tempo, assistindo ao passar dos anos sem mover uma pedra daqui para ali, e contudo sentimo-las vi-

vas de vida interior, quentes, ouve-se bater um coração»³.

Entre outros destaques, Arthur Larrue brinda-nos com um delicado conto sobre uma curiosa personagem que se encantou por Vila Real (38-39), e Adriana Lisboa fala do confronto com as expectativas que atravessam cada viajante e cada viagem, nisso que também pode ser um exercício de alteridade e aprendizado: «O início desta visita a Coimbra poderia estar na ideia que fazemos de Coimbra, no que seu nome evoca. O encontro com uma cidade é como o encontro com uma pessoa: vem sempre matizado pelo que afetamos conhecer e pelo (muito mais) que ignoramos dela» (73). Laura Restrepo, como outros dos seus contemporâneos e leitores de Saramago, lembra-nos do potencial da literatura, mais especificamente de uma das razões que hoje nos permitem olhar para Mafra e para a História portuguesa com outros olhos: um romance, um *Memorial* que é já um marco da viagem no tempo e no espaço que a literatura é capaz de oferecer (121).

Não deixa de estar presente mesmo aquilo que não poucas gerações e políticas tentaram ignorar: em dueto com Saramago, Maaza Mengiste faz-nos ver a beleza de Lagos tanto quanto o seu passado escravocrata. Lembram ambos o mercado de escravos que ali houve e que a cidade «não parece gostar que se saiba» (Saramago, 197), das histórias que é preciso contar e do quanto devemos a quem o faz, permitindo-nos percorrer também «arcos e ruas» que sussurram «segredos» e trazem «fantasmas ancestrais de volta à vida» (Maaza, 200). O resultado, enfim, é um conjunto instigante e muito bem-vindo de instantâneos e viagens, de experiências e convites renovados a reparar no que se vê.

Sara Grünhagen

NOTAS

- ¹ Carlos Reis, *Diálogos com José Saramago*, Porto, Porto Editora, 2015, p. 121-122.
- ² Fernando Gómez Aguilera, *José Saramago nas suas palavras*, Lisboa, Caminho, 2010, p. 312.
- ³ José Saramago, *Viagem a Portugal*, Porto/Lisboa, Porto Editora/Círculo de Leitores, 2021, p. 246.

EPISTOLOGRAFIA

Mário Cesariny e Antonio Tabucchi CARTAS E OUTROS TEXTOS

Edição de Fernando Cabral Martins e Maria José de Lancastre

Lisboa/Vila Nova de Famalicão, Documenta/

Fundação Cupertino de Miranda / 2023

Com edição de Fernando Cabral Martins e colaboração de Maria José de Lancastre, este livro não só reconstitui a história de um encontro, em 1967, entre Mário Cesariny e Antonio Tabucchi, mas também permite inquirir o silêncio que entre ambas as partes se instalou. O prefácio de Maria José de Lancastre — ensaísta, editora, professora na Universidade de Pisa, casada com o escritor italiano, professor na mesma universidade —, intitulado «Crónica de Um Encontro nos Tempos da Palavra Interditada», ressalta sobretudo o que mais os aproximou; já o posfácio de Fernando Cabral Martins — «Uma Questão de Tempo» — conta essencialmente «a história de um desencontro» (165). Este livro contém as missivas (11) de Cesariny ao casal residente em Itália (a sua maioria de 1970 e 1971, uma de 1973, sendo a correspondência interrompida em 1978 e retomada com uma carta em 2000), sem nenhuma enviada ao poeta e artista plástico português. É uma obra composta também por um estudo, um artigo, um editorial (ao número 3 da *Quaderni Portoghesi*) e uma entrevista dada por Tabucchi (a Maria José de Lancastre)

sobre o surrealismo português, o que permite avaliar a relevância da receção do movimento surrealista português feita pelo autor toscano. Em salvaguarda da autonomia crítica, o volume incorpora também o «Apólogo do Grupo Surrealista de Pisa», que, tal como indica uma nota (161), foi publicado no *Jornal Novo* a 21 de agosto de 1971 como reação ao terceiro número dos *Quaderni Portoghesi* (dedicado ao surrealismo português). Trata-se de um diálogo satírico entre dois marretas através dos quais Cesariny ‘marra’ com verrina nas incongruências críticas da receção elaborada por Tabucchi e questiona destrutivamente os nomes escolhidos como representantes do surrealismo português. É um texto corrosivo ainda quando o tema é a universidade, a política, José-Augusto França, com outro alvo dileto: Jorge de Sena, que, na qualidade de participante no mencionado número, se reivindica precursor do surrealismo e se atribuía «a descoberta de António Maria Lisboa» (20).

No prefácio, Maria José de Lancastre evoca, ao estilo vívido de uma crónica, a atmosfera de convívio em tempos de fascismo entre Cesariny, Tabucchi e ela própria, também entusiasmada com a obra de Pessoa e à época namorada do escritor italiano: «O Mário era uma personagem fascinante: tinha modos de príncipe e frugalidade de pobre; era sério e espirituoso; era pérfido, cáustico, e também carinhoso e gentil; era teatral a contar as intrigas do meio literário, ríamos muito» (14). Narra as etapas na organização de publicações feitas por ela e por Tabucchi sobre o surrealismo português, entre as quais se explica a não participação de Cesariny (21) no n.º 3 da *Quaderni Portoghesi*, resultado em parte da «ferrugem» (18) que, no pós-revolução, se instalou entre o casal e o surrealista português. Relacionando-o com esta ferrugem, a